

O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA E A EVOLUÇÃO DAS CIDADES

CAPITALIST DEVELOPMENT AND THE EVOLUTION OF CITIES

Germano Kawey Ferracin Hamada¹

Resumo: A cidade sempre foi ambiente de várias transformações e lutas de classes, pensar o seu desenvolvimento nos leva a pensar não somente de forma temporal, mas também a partir das relações entre desenvolvimento industrial e refinamento das necessidades pessoais. O desenvolvimento capitalista advindo das revoluções industriais, proporcionou um grau de desenvolvimento técnico-científico que transformou cidades antes isoladas a se conectar a partir de redes de relações de extensões globais, dada a facilidade de transmissões de dados e escoamentos de mercadorias. É a partir desse contexto que o presente trabalho busca traçar considerações acerca do desenvolvimento capitalista e a evolução do espaço geográfico, buscando colaborar para o entendimento das cidades em suas relações capitalistas como nos dias de hoje são.

Palavras-chave: Capitalismo; Urbanização; Sociedade.

Abstract: The city has always been environment of many transformations and class fight and think your development take us to think not only temporally, but also starting of relations between industrial development and refinement of personal needs. The capitalist development arising of industrial revolution, provided a degree of technical and scientific development that cities before isolated passed to connect with relations networks that arrives a global level, given by the facility of data transmission and flow of goods. Starting by this context that the present work attempts to trace considerations about the capitalist development and the geographical space evolution, searching collaborate to the understanding of cities in your capitalist relation as nowadays are.

Key-words: Capitalism; Urbanization; Society.

Introdução

Compreender a cidade é atualmente um dos objetivos mais complexos que a Geografia sempre buscou estudar em sua história e formação. A procura pelo entendimento das relações sociais e espaciais de uma dada sociedade, sempre esteve presente no contexto da cidade.

No seu processo histórico de formação, a Geografia sempre passou por inúmeras fases de evolução em seu modo de buscar entender a sociedade numa determinada época.

Os diferentes tempos e diferentes formas de se pensar a sociedade, vieram juntamente com a evolução do espaço geográfico, e na Geografia, autores na busca pelo entendimento não somente da sociedade, mas também de sua interação com o espaço criaram linhas de

¹ Graduado em Geografia Licenciatura pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO (2011). É Mestre pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2014). Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: germano_7@hotmail.com

pensamento como o possibilíssimo de Paul Vidal de La Blache no século XIX na França e no período mais recente da história a Geografia Crítica com Milton Santos na década de 1970.

Vale ressaltar que não descartamos as demais linhas teóricas presentes na história da Geografia, essas duas linhas de pensamento em seu determinado tempo da história modificaram e proporcionaram uma melhor forma de pensar e entender a sociedade.

O objetivo aqui, não é fazer uma análise teórica a respeito das formações de linhas de pensamentos teóricos da Geografia, mas sim traçar algumas considerações acerca do desenvolvimento capitalista e a evolução das cidades.

A cidade tornou-se cenário de inúmeras relações sociais e econômicas o avanço da tecnologia de informação, proporcionou então, que aquela cidade antes formada a partir de pequenas relações mercadológicas, passasse a se inteirar com todo o mundo, num fluxo incalculável de informações nas *inforvias* hoje existentes.

O presente trabalho busca trazer uma análise e reflexão sobre a evolução das cidades juntamente com o desenvolvimento do modo capitalista de produção. Dividido em duas partes principais: a primeira em apontar a evolução nos modos de produção e a formação da cidade. E a segunda em busca relacionar as interações capitalistas com alguns problemas existentes nas cidades: segregação, falta de moradia, entre outros pontos que irão surgindo durante a discussão.

A cidade na história e o desenvolvimento capitalista

Os modos de produção, sempre foram fatores que proporcionaram o desenvolvimento de dada sociedade. Desde a sociedade feudal, até a formação da cidade como rede de informações presentes no meio técnico-científico-informacional, os diferentes tempos e modos de produção foram fatores atuantes nas formações e transformações das cidades.

A formação das primeiras cidades:

Embora fossem resultado do social e do político enquanto processo, as primeiras cidades tiveram suas localizações determinadas pelas condições naturais, de um momento histórico, em que o desenvolvimento técnico da humanidade ainda não permitia a superação destas imposições (SPOSITO, 2008, p.18).

Os apontamentos feitos pela autora, nos levam a entender um pouco sobre como o processo de formação da cidade se iniciou e evidencia como a evolução da tecnologia e o poder de transformação do espaço, proporcionou a formação da cidade como exemplo do desenvolvimento técnico e científico.

A respeito do processo de formação da cidade, percebemos nos diferentes períodos que o próprio desenho da cidade se diferencia ao decorrer do tempo, nos burgos da sociedade feudal mesmo que não tendo caráter urbano a fortificação era uma das principais características da cidade no período, o que proporcionava a aglomeração nos locais próximos, além das relações sociais burguesas e colonas.

É no contexto principalmente das relações da burguesia com a acumulação primitiva do capital que o "capitalismo surge na cidade, no centro dinâmico de uma economia urbana que lentamente se constitui na Europa, a partir do século XIII" (SPOSITO, 2008, p.35).

O antigo burguês passa a ser o capitalista dono dos meios de produção e a necessidade de escoar suas mercadorias (que antes eram feitas de maneira artesanal são agora produzidas de maneira mecânica) traz consigo o processo de ampliação não somente da cidade devido a exploração da antiga mão de obra ligada ao campo, mas também devido a suas relações com outras regiões neste caso Ásia, África e posteriormente as Américas.

A cidade evolui à medida que a tecnologia e relações de negócios evoluem. O exemplo da cidade feudal, que evoluiu devido a vários fatores inclusive das relações sociais teve seu desdobramento no período da revolução industrial, onde o mercado e mercador avançaram, transformaram a cidade no espaço da produção e reprodução, da negociação e da segregação.

A passagem da cidade feudal para a cidade mercantil, se deu devido ao processo histórico dentro da sua própria formação, onde as relações de mercado e expansão territorial na sociedade mercantilista do século XV ao XVIII proporcionaram a formação de colônias em toda a rede de interação da metrópole - colônia.

A respeito das redes constituídas por essa interação Sposito (2008, p.41) discorre que:

Manifestava já uma certa divisão interurbana do trabalho, tornada possível pelas ligações existentes entre as cidades (estradas, vias fluviais e marítimas) e por relações comerciais e bancárias estabelecidas entre elas. Esta infraestrutura e estas relações estabeleceram-se com o apoio do poder centralizado do Estado Moderno.

As redes então passam a ser um instrumento de extrema importância, que "viabiliza exatamente [...] duas estratégias: circular e comunicar" (DIAS, 2007, p.147). Essa comunicação levada principalmente as ligações já existentes fazem com que o modelo de cidade formado pela Europa no século XV seja exportado para outras cidades, dando suporte para o desenvolvimento capitalista (SPOSITO, 2008).

Fica evidente que os meios e técnicas desenvolvidos durante o período de expansão e fortalecimento do modelo de produção capitalista durante o decorrer dos séculos,

proporcionou não somente o crescimento das cidades, mas também das interações entre elas. O crescimento da indústria que transforma o urbano, reforça o papel da cidade como espaço das relações capitalistas principalmente a industrial.

Nessa fase capitalista industrial, o trabalhador agora assalariado transforma a cidade no ambiente de aglomeração, principalmente antigos trabalhadores rurais que pela expansão mercadológica da terra acabam perdendo espaço e procuram seu lugar na cidade.

O contexto da expansão do capitalismo industrial, juntamente as revoluções industriais e a expansão mercantilista que cultivavam colônias em outros continentes, faziam da cidade o ambiente da centralização e tomada do poder. Isso não quer dizer que todas as cidades que surgiram até o final do período expansionista do início do século XX, tiveram igual importância.

Grandes centros como Londres na Inglaterra, Paris na França entre outros, se tornaram exemplos de crescimento populacional devido ao crescimento da indústria, essas cidades, tornaram-se grandes polos de concentração de pessoas, outras cidades como Donetz na Rússia, Ruhr na Alemanha desenvolveram-se próximas a regiões carboníferas durante o século XIX na Europa (SPOSITO, 2008).

Percebemos aqui, que o crescimento das cidades durante o período feudal até final do século XIX em sua maioria aconteceu na Europa, esse continente foi marcado principalmente pelas revoluções industriais e as duas grandes guerras no século XX.

A utilização do modelo de desenvolvimento urbano europeu como exemplo, apenas ilustra como o processo de urbanização dos antigos feudos, passando para as cidades ligadas na forma de redes como é composta hoje. Se deu por um longo processo e várias reformulações aconteceram, principalmente no que estrutura o papel da cidade como o lugar da produção em escala, centro de informações e tomada de decisões, favorecendo o desenvolvimento capitalista.

A respeito das características da cidade podemos afirmar:

O seu caráter de concentração, de densidade, viabiliza a realização com maior rapidez do ciclo do capital, ou seja, diminui o tempo entre o primeiro investimento necessário a realização de uma determinada produção e consumo do produto. (SPOSITO, 2008, p. 64).

A característica principal da cidade de concentrar, dá a ela o caráter de lugar da homogeneização da paisagem e dos costumes, do lugar da divisão social do trabalho.

Explorando a cidade em sua atualidade, percebemos como fruto de resultados históricos da formação de redes de serviços e tecnologias, além das interações mercadológicas que sempre estiveram presentes no processo de sua evolução.

No desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional, o avanço da tecnologia na terceira revolução industrial, principalmente a evolução da informática proporcionou não somente o fluxo de dados de maneira rápida que chega ao instantâneo, como também o encurtamento dos espaços antes existentes.

Nessas condições de avanço da infraestrutura e é claro do aumento da tecnologia, corroborando com os fatores citados Carlos (2001, p.51) aponta:

Três tipos de avanços tecnológicos tornaram possível a organização da economia global: a informática (no campo dos computadores), os satélites (no campo da comunicação) e os jatos (no campo dos transportes, que permitiram a diminuição do tempo de percurso e do custo do deslocamento).

Se fizermos uma comparação entre os fluxos de informação da década de 1950, poderemos perceber que nos dias atuais as informações se multiplicam aos milhares.

A invenção da fibra ótica, o surgimento do capitalismo financeiro muito presente pós década de 1970, fez com que o mais importante nas cidades diferente do início do século XX com o Fordismo, fosse a melhor exploração da infraestrutura da cidade, além da mão de obra especializada.

A respeito da infraestrutura podemos dizer que a “exploração dos serviços em infraestrutura [...] conduz ao chamado efeito *sinalização*”, esse efeito *sinalização* molda duas formas de investimentos via as empresas transnacionais: a primeira “direta (com melhoria e expansão de serviços)” e a segunda “indireta (ambiente favorável à entrada de capitais externos)” (PEGÔ FILHO; CÂNDIDO JUNIOR; PEREIRA, 1999, p.8).

Essa característica, muito mais evidente a partir da década de 1970 com o neoliberalismo e a expansão das indústrias a procura de mão de obra e matéria prima.

Retrocedendo de forma linear, essa característica sempre esteve presente no contexto da exploração capitalista do trabalho, o efeito "sinalização" já podia ser considerado como presente desde o processo de exploração de minério no Brasil, ou demais jazidas no continente africano, durante século XVIII.

Mesmo que a cidade da colônia ainda estava se formando, o processo de apropriação e exploração se dava como presente, o que proporcionou com que vilas e até mesmo antigos acampamentos dessem origem às cidades.

O objetivo aqui é apresentar como o processo de expansão capitalista, proporcionou a evolução das cidades. O crescimento da metrópole, juntamente com o crescimento da exploração da mão de obra, fez com que a cidade fosse cenário de inúmeras transformações não somente sociais, mas também estruturais.

O desenvolvimento daqueles antigos burgos, que se transformaram em grandes cidades, a expansão da indústria e do capitalismo industrial inicialmente na Europa, passando depois para o continente americano e restante do mundo, ocasionou uma crescente transformação do espaço geográfico, regiões que antes separadas se ligaram a partir de um processo que além de ser gerido pelo poder do Estado se deu também principalmente pelo poder econômico.

A cidade e as diferenças

As diferenças sociais, econômicas, infraestruturas, estão presentes no espaço da cidade, transformando-a hoje num ambiente de contradição, porém, por muitos ainda dada como o espaço das oportunidades.

Na primeira parte do texto, pensamos a cidade apenas como cenário das transformações e como refém dos antigos e atuais modelos de produção.

Prosseguindo com algumas considerações acerca da cidade há, um trecho do livro "Espaço e Indústria" da autora Ana Fani Carlos que corrobora apontando que:

A cidade não é um fenômeno autônomo, mas produto das leis do desenvolvimento de acumulação capitalista e não pode ser dissociada das tendências e movimentos do capital, do aumento da produtividade do trabalho, do desenvolvimento tecnológico e do processo de socialização decorrente das condições gerais de produção. (CARLOS, 2001, p. 61).

Essas afirmações acerca da cidade apresentadas pela autora, nos ajuda a afirmar ainda mais a cidade como o espaço dos contradizeres e das ações. Sendo um produto das interações históricas da sociedade no decorrer do tempo, a cidade hoje se transformou no espaço das ações.

As ações que definiram a formação das cidades ao redor dos feudos, acarretando no êxodo rural europeu durante a primeira revolução industrial e até mesmo a própria expansão da fronteira agrícola na década passada, definindo algumas características das cidades não somente na Europa com também no Brasil

Remetendo a discussão para o Brasil retrocedendo nos primórdios do seu descobrimento, percebemos que a colonização muito esteve ligada ao desenvolvimento dos tipos e meios de exploração.

A exploração de madeira no Nordeste, a exploração de minério no Sudeste, até mesmo a expansão das fronteiras na marcha para o oeste na década de 1950. ajudaram a definir a capital política do país que hoje reside em Brasília.

Percebemos que em seu curto período de história, o Brasil foi espaço de várias transformações e contradições, essas transformações nos levaram a estrutura de cidade que temos hoje no país.

Há dificuldade de exemplificar as questões da cidade, sem buscar nas contradições as diferenças, não somente econômica, como também a estrutural, que na maioria das cidades é o maior problema.

Ligado a falta de infraestrutura e segregação, a favelização pode ocorrer na cidade de diferentes maneiras, para exemplificar a segregação dentro da cidade, apresento alguns apontamentos de origem informal no qual o objetivo será proporcionar ao leitor o entendimento a respeito do processo de favelização que no Brasil se tornou tão comum, principalmente nos grandes centros urbanos.

Determinada pela falta de infraestrutura, a favela não é mais ambiente apenas de moradia para a população carente, a favela nos dias de hoje transformou-se em ambiente de segregação. Pensar unicamente a favela como moradia, nos faria pensa-la de forma superficial.

O êxodo rural no Brasil, durante o século passado, ocasionou um alto índice de migrações para os grandes centros principalmente no eixo nordeste – sudeste.

Estes centros, despreparados infraestruturalmente e desprovidos de serviços e trabalhos para receberem os migrantes, influenciaram e mobilizaram diretamente as moradias para ambientes irregulares. Porém, não podemos pensar no êxodo como único fator que proporcionou a formação de favelas no país.

Há outra tendência, que ajudou e ainda ajuda no processo de segregação dentro da cidade, Martins (1999, p.23) deixa bem claro ao apresentar que a "tendência do capital é a da expansão desenfreada, a de se apresentar frente aos homens como coisa, aparentemente dotada de poder e vontade, e assim apoderar-se de tudo e de todos para transformar em forças impulsoras do seu valor".

Essa tendência do capital apresentada pelo autor, proporciona ainda mais a segregação dentro da cidade, antigos moradores de essência pobre de regiões que com o tempo foram sendo restauradas, colaboraram para que ocorra o processo de valorização e apropriação da terra por abastados que dominam o ambiente urbano e desenham e redesenham como bem entendem, passando a transferir para regiões mais distantes da cidade moradores que antes ocupavam aquele espaço.

Para ilustrar o processo de segregação, a Figura 1 demonstra o processo de segregação na cidade.

Figura 01 - Favela e prédios de classe alta no mesmo espaço em São Paulo.



FONTE: Figura retirada da internet.

AUTOR: Desconhecido

A figura 1, ilustra como o processo de crescimento da cidade, juntamente ao crescimento das favelas tornou-se um objeto de contraste tão visível da sociedade na cidade. O contraste entre um prédio de alto padrão ao lado de uma favela, serve como exemplo de extrema didática para apresentar os processos pelo qual a cidade passa, a superestrutura e a

falta dela numa mesma fotografia, faz da cidade como já conhecida o ambiente das contradições.

Demonstramos que a falta de infraestrutura, ligada a baixa renda da população carente, gera o processo de aumento das moradias irregulares, apontamos também que a segregação não ocorre apenas pela falta de espaço, ela ocorre também a partir da apropriação da terra como mercadoria, sua valorização gera segregação.

O objetivo principal é apresentar algumas características da cidade atual, essas características são comuns nos grandes centros brasileiros, fazem-nos pensar como os agentes do Estado atuam nessas questões de moradia e bem-estar social.

Como não é objetivo do trabalho apontar casos específicos acerca do processo de gerenciamento das terras nas cidades, fica aqui apenas a questão a respeito da gerência das prefeituras que em muitas das cidades observa-se o descaso e a falta de compromisso com a população carente.

Este descaso nos leva a pensar a cidade como ambiente das lutas de classes das diferenças sociais e estruturais, mas por que não pensar numa cidade mais igualitária?

A apropriação da terra como mercadoria pelo homem transformou não somente a cidade, mas também o próprio campo num ambiente hostil de vários interesses pessoais.

Apenas dar a terra ao que necessita, talvez não seja o único caminho para uma sociedade e cidade mais justa, buscar contribuir e alavancar cada dia mais a condição do indivíduo na sociedade (infraestrutura e trabalho), seria uma das condições para o crescimento não somente individual, mas também coletivo.

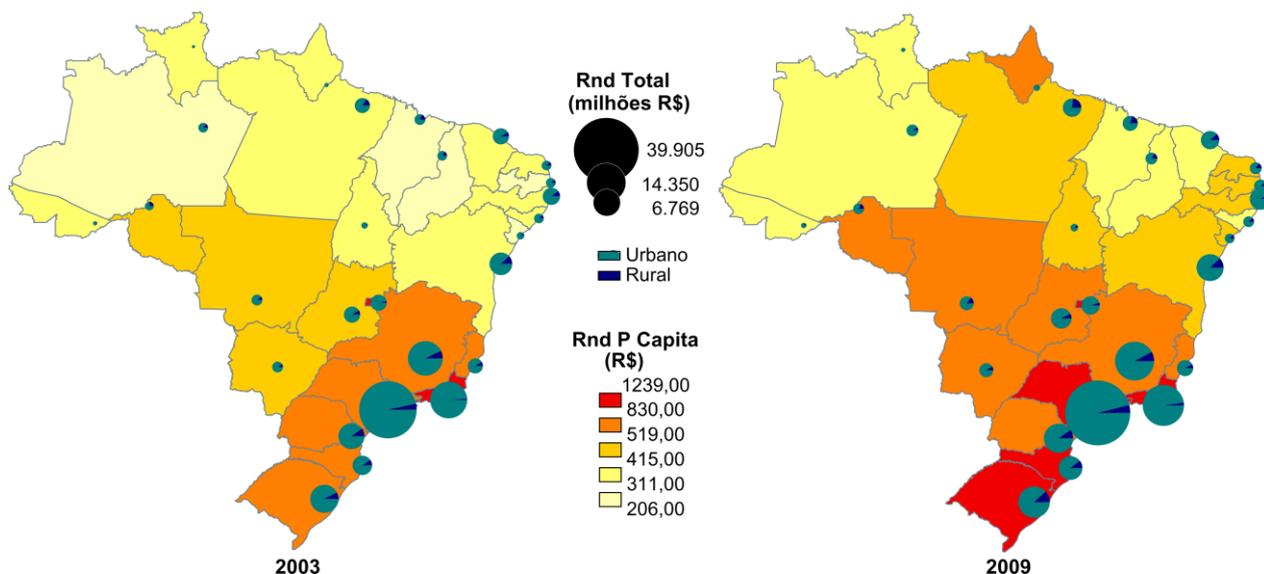
Portanto, tivemos como objetivo levantar algumas questões a respeito do uso e apropriação da terra nas cidades. Fica evidente que observar as diferenças no seu próprio espaço é o primeiro passo para o entendimento dessa sociedade que a cada dia fica menos igualitária.

Assim, pensar o urbano na forma de dados socioeconômicos, não demonstra da maneira correta os seus reais problemas de moradia e serviços e a forma como ocorrem.

A figura 2, apresentando a distribuição da renda *per capita* por unidade da federação nos anos de 2003-2010, faz-nos levantar a problemática sobre como a renda *per capita* esconde as reais diferenças não somente monetárias como também de moradia na cidade, visto que o maior número de moradias irregulares e favelas está na região sudeste do Brasil, devemos levar em consideração também que esta região é a mais populosa do país.

Porém, consideramos que mesmo com sua alta concentração populacional, as políticas públicas de serviços e urbanização fazem-se apenas de maneira paliativa, ordenando e reordenando de maneira que seu desenvolvimento se baseia apenas nos interesses de um pequeno número de pessoas.

Figura 02 - Distribuição de renda *per capita* 2003-2009



FONTE: POF/IBGE

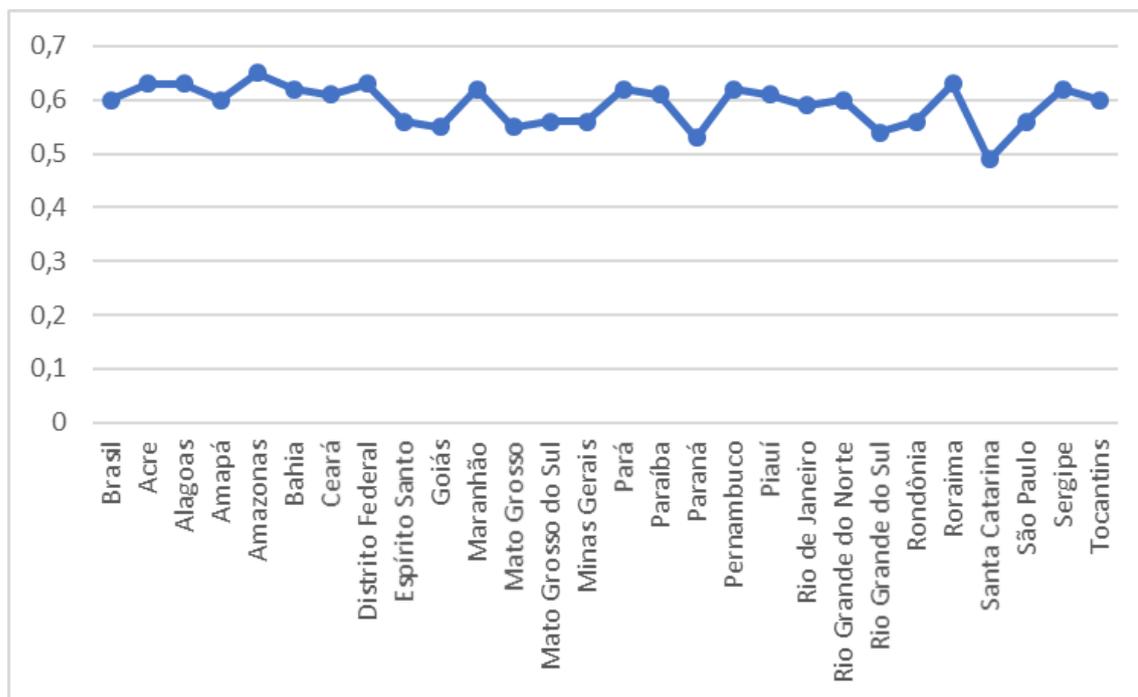
AUTOR: Maia, a. G. e Buainain, A. M (2011).

Vale ressaltar também, que os percentuais do Índice de Gini² (figura 3) nos estados da região sudeste do país variam entre 0,53 no caso do estado do Paraná e São Paulo e Rio de Janeiro entre 0,56 e 0,59 respectivamente, os maiores índices estão concentrados em sua maioria na região nordeste do país destaque para o estado de Alagoas com percentual de 0,63.

Portanto, comparativamente renda *per capita* e o índice de Gini as regiões com a maior renda possuem números que levam ao patamar de alta desigualdade, fator esse que influencia diretamente nas questões urbanas e no processo de formação desigual da cidade no contexto atual.

Assim, devemos sistematizar: a moradia (cidade) o econômico e o social como um tripé onde o desenvolvimento dos três fatores devem-se balancear e modificar-se para o desenvolvimento numa perspectiva mais igualitária.

² “Os valores do coeficiente de Gini variam, portanto, entre 1 e zero; quanto mais próximo de 1 for o coeficiente, maior será a concentração na distribuição de qualquer variável, acontecendo o contrário à medida que esse coeficiente se aproxima de zero.” (SANDRONI, 1999 p,106)

Figura 03 – Índice de Gini das unidades da federação e Brasil 2010

FONTE: Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2019.

AUTOR: Hamada, G. K. F.

O objetivo de problematizar questões econômicas e sociais, neste trabalho foi com o intuito de inserir discussões já muito debatidas e problematizadas, que estão cada dia mais presentes na atualidade.

O modelo de governo do atual presidente da república Jair Bolsonaro, voltado principalmente para o aumento da diferenciação social, corte de benefícios sociais da população carente, diferente do período de governo do Partido dos Trabalhadores – PT, hoje corrobora para além da maior diferenciação de classes o aumento do número de sem tetos, moradores de rua e desempregados no país chegando a aproximadamente 13,2 milhões de pessoas desempregadas (IBGE, 2019).

Portanto, além de pensarmos a cidade como ambiente de contradições e lutar contra elas, devemos buscar o retorno do direito ao trabalho, à moradia e à uma infraestrutura básica que sustente a cidade e a população que nela reside.

Considerações finais

As afirmações acerca da cidade e suas transformações no decorrer do tempo aqui apresentadas, nos demonstram a cidade como palco das contradições e lutas de classes como muito já apontado neste trabalho.

O objetivo aqui, além de apresentar alguns relatos acerca da cidade, buscou também problematizar como a sua grande estrutura, suas redes e sua forma de desenvolver não somente no período atual, mas também em períodos da história onde o aumento da exploração capitalista e o crescimento populacional, foi modificando o espaço.

Aquelas cidades pequenas antes unicamente ligadas as capitais, hoje se conectam com o mundo sem fronteiras (nível mundial). Focando nas características das conexões: facilidade de informações, dinheiro e pessoas, faz-nos ver por outro prisma; uma cidade que acaba por segregar o indivíduo de promover sua autossuficiência e melhoria na condição social.

A cidade se transformou então, no ambiente das hostilidades, o exemplo da figura 1 no texto, apenas afirmar como a sociedade e a própria cidade incorporaram as diferenças de classes. Porém, o maior objetivo aqui mesmo que de forma geral sem se ater em casos específicos, foi o de apontar algumas considerações a respeito da cidade como ela é e como as políticas públicas de habitação e desenvolvimento da cidade afetam a moradia dos mais carentes.

Portanto, não devemos deixar de lado a luta pelo direito à moradia, e o direito de desenvolver e receber políticas públicas que realmente melhorem os espaços, que deem condições aos mais carentes o acesso aos bens e serviços necessários para uma melhor vivência e qualidade de vida.

Esperamos que com esses apontamentos a crítica a cidade possa ser feita e discussões que vem desde a sala de aula, ou outras circunstâncias possam servir como instrumento de reflexão teórica, para o entendimento e modificação da sociedade e da própria cidade.

Referências

Atlas do Desenvolvimento Humano. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>> Acessado em junho de 2019.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e Indústria.** São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: **Geografia: conceitos e temas**. CASTRO, Iná Elias de, GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

DIAS, L. C. Redes; emergência e organização. In: CASTRO, I.E., de. ET. AL. **Geografia: conceitos e temas**. 1º edição, Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2007, p. 141-162.

GOTTDIENER, Mark. O debate sobre a teoria do espaço. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo, EDUSP, 1993, p.120-158.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=quadro-sintetico>>. Acessado em junho de 2019.

MAIA, A. G. BUAINAIN, A. M. **Pobreza objetiva e subjetiva no Brasil**, Confins [Online], 13 | 2011, posto online no dia 30 novembro 2011, consultado o 11 julho 2019. URL: <http://journals.openedition.org/confins/7301>; DOI: 10.4000/confins.7301

MARTINS, Sérgio. Crítica à economia política do espaço. In: **O Espaço no fim de século: a nova raridade**. In: DAMIANI, Amélia L, CARLOS, Ana F. A., SEABRA, Odete C de L. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 1999. p.13-41.

MOREIRA, RUY. O espaço e o contra espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: **Território. Território(s)**. Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo. UFF/AGB, Niterói, 2002, p. 49-67.

PÊGO FILHO, Bolívar. CÂNDIDO JUNIOR, José O. PEREIRA, Francisco. **Investimento e Financiamento da Infraestrutura no Brasil: 1990/2002**. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0680.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2011.

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a Formação Social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n.54, p. 81-99, 1977.

SANTOS, M. Silveira, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 2001.

SPOSITO, M. E. B. **Produção do espaço urbano: notas para um debate**. [Texto mimeografado].

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008.

*Recebido em 04 de junho de 2019.
Aceito em 16 de setembro de 2019.*